

Varjão pede ajuda a políticos

Invasor teme novas investidas da Terracap contra barracos

Já que os constituintes não foram até a invasão, os invasores foram até os constituintes e solicitaram à bancada do Distrito Federal que interceda para que a Terracap não prossiga na operação derrubada de barracos do Varjão, anunciada para a próxima terça-feira. Uma comissão, integrada por representantes da Associação dos Moradores, que chegou no final da manhã ao Congresso, se dividia entre os gabinetes dos senadores Maurício Correa (PDT) e Pompeu de Souza (PMDB), aguardando a chegada de um dos dois. Até o meio-dia e meia, porém, a espera havia sido inútil, já que ontem a bancada de Brasília estava com as atenções voltadas para a votação da emenda que determina as eleições diretas para o DF ainda este ano.

Na invasão nem a trégua da Terracap animou as pessoas. O clima de tensão ainda reinava, pois os moradores dos 40 barracos condenados, e que ainda estão de pé, temem que na próxima semana sejam despejados. Maria Nair

Oliveira, há pouco mais de um ano morando ali, disse que a cerca de seu barraco já foi derrubada e diz que se toda a casa for colocada abaixo não terá para onde ir. "Provavelmente ficarei por aqui mesmo, junto com meus dois filhos", lamentou. Acrescentou que o céu será seu teto, como está sendo para Iramildes Reis de Souza, o marido e os três filhos menores.

SEM TETO

Desde segunda-feira, quando o barraco foi derrubado, ela e a família vivem ao relento e os seus pertencentes continuam no mesmo local onde há poucos dias existia um pequeno barraco. Para não continuar nesta situação, a invasora vai se mudar para a casa da mãe, ali mesmo na invasão. "Mas o barraco é muito pequeno e lá já vivem três pessoas. Por isso não sei onde vou deixar o fogão, armário, balcão, sofá e outras pequenas coisas que estavam dentro do meu barraco".

Iramildes, assim como muitas pessoas, ainda nem terminou de pagar as te-

lhas e madeiras utilizadas para levantar o seu barraco. "Estou devendo 5 mil". Esta é a realidade também de Geová Alves Mendes, cujo barraco foi derrubado na quarta-feira. Ele e a família estão abrigados na casa de um tio que também mora na invasão, mas os poucos móveis continuam no mesmo local onde estava o barraco.

José Alexandre da Silva, sem ter a quem recorrer, levantou um pequeno cômodo e continua no mesmo lugar onde vivia há um ano e dois meses. No terreno em frente ele plantou uma pequena horta para a sua própria subsistência e garante que se tiver que deixar a invasão não terá para onde ir.

Segundo o presidente da Associação dos Moradores, Rafael Gregório, esta trégua que o Governo concedeu é uma oportunidade para que haja uma negociação. Ele espera que a partir de terça-feira, em vez de os funcionários da Terracap retornarem ao Varjão para destruir os barracos, estejam ali para construir os que eles derrubaram.